



A distribuição dos modificadores de grau em tétum-praça: uma proposta em Semântica Escalar

The distribution of degree modifiers in Tetum: a scalar semantics proposal

Luciana Sanchez-Mendes

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

sanchez.mendes@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5459-6968>

Anderson Macedo

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

andersonlucasm@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6552-2200>

Resumo: Este artigo objetiva apresentar uma investigação sobre a distribuição de três modificadores de grau em tétum (*los, liu e tebes*), língua austronésia falada no Timor Leste, realizada em Macedo (2019a). Os vocábulos em questão parecem apresentar a mesma distribuição à primeira vista, sendo traduzidos pelo advérbio ‘muito’ em português. Para averiguar sua distribuição, exploramos a hipótese de que a seleção dos modificadores seria determinada pela natureza escalar do elemento modificado adotando a tipologia escalar de Kennedy e McNally (2005). A coleta de dados para esse estudo se deu em três etapas: (i) teste de tradução de sentenças do português para o tétum; (ii) teste de averiguação de aceitabilidade das sentenças em tétum (cf. MATTHEWSON, 2004); (iii) experimento para averiguação de aceitabilidade das sentenças em tétum (MACEDOa, 2019). Os resultados obtidos mostram que nenhum modificador apresentou preferência ou rejeição de 100%. A gradação encontrada é interpretada levando-se em conta as especificidades da língua tétum e da natureza da metodologia adotada, no que diz respeito ao tipo de experimento escolhido (de aceitabilidade com escala Likert).

Palavras-chave: advérbios; intensificadores; semântica; tétum; Timor Leste.

Abstract: This article aims to present an investigation on the distribution of three degree modifiers in Tetum (*los*, *liu* and *tebes*), an Austronesia language spoken on the island of Timor, done by Macedo (2019a). The three modifiers appear to have the same distribution at first sight, being translated by ‘very’ in English and ‘muito’ in Portuguese. In order to investigate its distribution, we explored the hypothesis that the selection of these modifiers would be determined by the scalar nature of the modified element following the scalar typology presented in Kennedy and McNally (2005). The data collection was performed in three stages: (i) translation of sentences from Portuguese into Tetum; (ii) verification of acceptability of Tetum sentences (cf. MATTHEWSON, 2004); (iii) experimental test to verify the acceptability of sentences in Tetum (MACEDO, 2019a). The results show that no modifier showed 100% of preference or rejection. The gradation found is interpreted considering the particularities of Tetum and the nature of the methodology adopted, namely the type of experiment (acceptability task with Likert scale).

Keywords: adverbs; intensifiers; semantics; Tetum; East Timor.

Recebido em 14 de novembro de 2019

Aceito em 05 de fevereiro de 2020

1 Introdução

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma investigação sobre a distribuição de três modificadores de grau em tétum *los*, *liu* e *tebes* realizado em Macedo (2019a). O tétum, que recentemente recebeu o estatuto de língua oficial, tem sido também a língua franca desse país há mais de cem anos. Essa língua tem origem austronésia e é falada pela grande maioria da comunidade timorense. O centro da discussão apresentada nesse texto está no fato de o tétum ter três modificadores de grau com a mesma tradução, aparentemente, ‘muito’ em português. As sentenças abaixo servem de exemplo para o fenômeno. Num primeiro olhar, esses vocábulos parecem ser intercambiáveis.

- (1) Nia mane kapas **los/tebes/liu**.
 3SG M bonito muito
 ‘Ele é muito bonito.’

O estudo da investigação da distribuição dos três modificadores é feito aqui segundo a natureza escalar dos itens modificados (cf. KENNEDY; MCNALLY, 2005; QUADROS GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2015). Quadros Gomes e Sanchez-Mendes (2015) argumentam que, em sintagmas com modificadores de grau, a natureza escalar do elemento modificado pode influenciar o sintagma de três formas: (i) na distribuição dos modificadores, como ocorre em inglês, conforme defendido em Kennedy e McNally (2005); (ii) no tipo de sintagma modificado que é produzido, como no português; ou (iii) no significado produzido pela modificação, como em karitiana (tupi). Cada uma dessas propostas será apresentada em detalhes na seção 3.

Partindo desse tipo de investigação, este artigo explora uma primeira abordagem para os modificadores do tétum: se os três advérbios também poderiam selecionar um tipo específico de predicado em conformidade com os parâmetros e tipologia escalar proposta em Kennedy e McNally (2005). Tendo isso em conta, o foco deste trabalho é colaborar para a análise da modificação de grau em tétum com base na semântica formal/semântica escalar como modelo de análise.

Para tal, procedemos a uma coleta de dados seguindo a metodologia de Matthewson (2004) e executada especificamente para esta investigação em três etapas: (i) teste de tradução de sentenças do português para o tétum; (ii) teste de averiguação de aceitabilidade das sentenças em tétum; (iii) experimento para averiguação de aceitabilidade das sentenças em tétum.

O artigo está dividido da seguinte forma: na seção 2, fazemos uma sucinta apresentação da realidade linguística timorense e traços essenciais da gramática tétum; na seção 3, apresentamos o modelo teórico da semântica formal, mais especificamente da semântica escalar, empregada neste artigo, na seção 4, apresentamos e discutimos a coleta de dados em três momentos (teste de tradução, teste de aceitabilidade e experimento de aceitabilidade), na seção 5, apresentamos, por fim, as conclusões da coleta realizada e sua cooperação para a descrição do tétum e para o avanço no entendimento dos modificadores de grau de forma geral.

2 Contextualização da Língua

2.1 Timor Leste e sua realidade linguística

O Timor Leste, país independente, que tem em Díli sua capital, é a parte leste da ilha do Timor situada no imenso arquipélago indonésio. A outra parte da ilha pertence aos indonésios. O Timor tem uma população de aproximadamente 1.260.000 habitantes. Sua posição geográfica é politicamente privilegiada, pois está no fim da Ásia e começo da Oceania. Localiza-se perto de grandes potências como o Japão, a China e a Austrália.

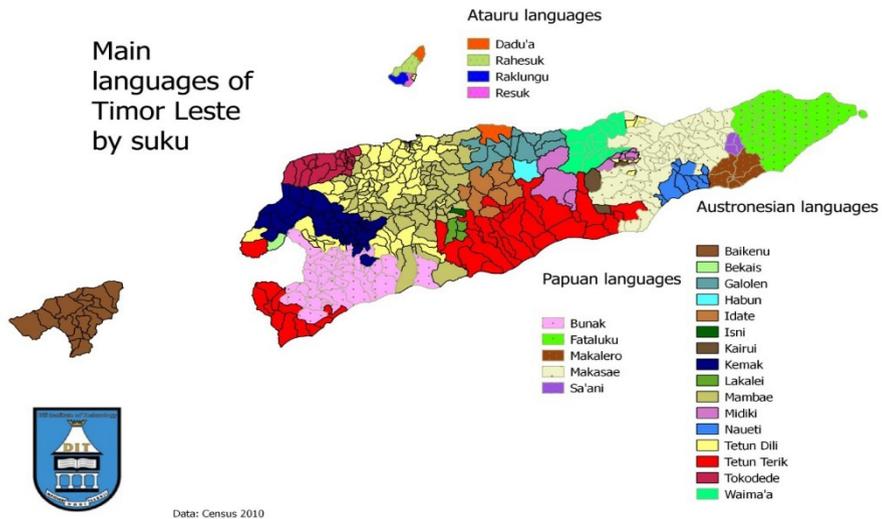
O Timor Leste viveu uma história bastante complexa e sangrenta com a invasão indonésia que durou de 1975 a 1999. Durante esses anos, cerca de 200.000 timorenses foram assassinados pelas tropas invasoras, que não hesitavam em assassinar qualquer um que se levantasse contra a política invasora indonésia. Nesse período, o uso e ensino do português, associada aos movimentos de resistência, foram proibidos e a língua indonésia (‘bahasa’, como é conhecida no Timor Leste) foi imposta.

Atualmente, o Timor Leste conta com duas línguas oficiais, segundo a Constituição da República (promulgada em 2002) em sua seção 13: o tétum e o português. Além disso, são reconhecidas também duas línguas de trabalho: o inglês e o indonésio. O texto constitucional explica que as outras línguas timorenses devem ser valorizadas, preservadas e protegidas. Segundo o catálogo de línguas *Ethnologue*, há 21 línguas faladas no país, 20 línguas asiáticas e a língua portuguesa. Já o censo de 2010 aponta para 30 línguas nativas e mais cinco não nativas (português, inglês, malaio, chinês e indonésio). As línguas nativas pertencem a dois troncos diferentes: austronésio,¹ no qual encontra-se o tétum, que é investigado neste trabalho, e papuásico,² que inclui o makasae, outra língua bastante difundida na nação.

¹ Entende-se por língua austronésia os falares distribuídos no sudeste asiático (na região do Pacífico): a maioria das línguas faladas no arquipélago indonésio, todas as ilhas das Filipinas e Madagascar e o grupo de ilhas do Sul do Pacífico (menos a Austrália e Nova Guiné).

² Línguas da região de Papua Nova Guiné.

FIGURA 1 – Mapa linguístico do Timor Leste



Fonte: <http://www.tetundit.tl/Publications/Timor-Leste%20languages%202010.pdf>

Conforme se pode constatar, embora o território timorense seja pequeno, há um número elevado de línguas nativas faladas gerando uma intensa diversidade linguística. Bartoréo (2009) afirma que tal diversidade não é característica apenas do Timor Leste, mas também de países vizinhos, como a Malásia e a própria Indonésia. A área ocupada pelas ilhas das nações citadas representa a maior diversidade linguística do mundo, segundo a autora. Dentre essas línguas, destaca-se o tétum³ (tétum-praça) que se tornou a língua franca de quase todos os timorenses. Na verdade, esse papel integrador tem sido atribuído ao tétum desde a época do começo da colonização portuguesa. Hoje, o maior acúmulo de falantes dessa língua encontra-se na capital, Díli, e arredores.

Toda essa diversidade é claramente percebida nas cidades timorenses. Há publicidades espalhadas em português, tétum e inglês. Na Universidade Timor Lorosa'e, a maior e principal do país, pode-se

³ Tétum praça é a modalidade mais conhecida no Timor Leste, falada pela maioria da população. O Tétum terik é outra modalidade, mais falado na região central-norte do país. Essa modalidade se caracteriza por ter menos empréstimos lexicais do português.

encontrar aulas ministradas em indonésio, inglês, português e tétum. Bartoréo (2009) acrescenta, por exemplo, que as contas de energia elétrica vêm em inglês, a informação policial está em indonésio e os comunicados do governo em português.

Uma pesquisa feita com 35 timorenses (19 homens e 16 mulheres, entre 21 e 31 anos) sobre língua e identidade tinha como uma das perguntas ‘quantas línguas você fala?’. Os resultados obtidos mostraram que mais de 60% dos informantes falam pelo menos 5 línguas e apenas a minoria afirmou falar 2 línguas. Não houve registro de monolíngues nesta pesquisa (MACEDO, 2019b).

FIGURA 2 – Distribuição dos falantes segundo o número de línguas faladas



2.2 A língua tétum

Com o propósito de tornar mais acessível a leitura dos dados deste artigo, esta seção expõe algumas propriedades da língua tétum. Vamos nos concentrar em apresentar as características gerais das sentenças com enfoque para o sintagma nominal e modificadores. A descrição gramatical exposta é de Albuquerque (2011). Os dados que não vierem acompanhados de fonte foram coletados pelos autores com falantes nativos. Em tétum, a ordem de palavras básica é SVO. Alterações nessa ordem básica estão relacionadas a efeitos pragmáticos.

- (2) Hau hemu be.
 1SG beber água⁴
 ‘Eu bebo água.’

O uso da vocábulo *sira* faz a marcação do plural dos substantivos em sintagmas nominais e é sempre colocado depois do nome. *Sira* também pode ter o valor de pronome pessoal, sujeito, ‘eles’ e ‘elas’, além disso pode ser pronome oblíquo ‘os’ e ‘as’.

- (3) Eskola sira
 escola 3PL
 ‘escolas’

Na língua, não há marcas de gênero nos nomes inanimados. Seres animados/humanos podem vir marcados com os itens lexicais *mane* (‘masculino’) e *feto* (‘feminino’) que indicam o sexo.⁵ Já quanto aos animais, as palavras *aman* (‘pai’, ‘macho’) e *inan* (‘mãe’, ‘fêmea’) fazem a marcação.

- (4) a. Oan mane/feto b. Asu man/inan
 filho M/F cachorro M/F
 ‘filho, filha’ ‘cachorro, cachorra’

Ao contrário do português, em tétum, os adjetivos são vocábulos invariáveis e se posicionam sempre depois dos substantivos. Segundo Albuquerque (2011), essa classe de palavras é classificada em dois tipos. O primeiro seria um grupo pequeno que, de acordo com o linguista, se comportam como adjetivos genuínos. O outro tipo de adjetivos é chamado de verbais – esse grupo tem maior representação na língua e se comportam sintaticamente como os verbos.

⁴ Abreviaturas utilizadas (seguindo *Leipzig Glossing Rules*): 1SG = primeira pessoa do singular; 2SG = segunda pessoa do singular; 3PL = terceira pessoa do plural; ADV = advérbio; DEM = demonstrativo; F = feminino; FUT = futuro; M = masculino; PST = passado POSS = possessivo.

⁵ Adjetivos emprestados do português não seguem esse padrão; eles apresentam o masculino e feminino por meio da terminação *-o*, *-a*. Exemplos: *bonito/bonita*, *honesto/honesta*, *maduro/madura*.

Já os verbos no passado vêm acompanhados pela partícula *ona* logo depois do verbo ou por advérbios de tempo (COSTA, 2001), como se observa no exemplo a seguir:

- (9) a. Hau han ona. b. Horseik ita haré sira
 1SG comer PST ontem 1PL ver 3PL
 ‘Eu comi.’ ‘Ontem nós os vimos.’

A partícula *sei* é posicionada antes do verbo marcando o tempo futuro. Além disso, o uso de advérbios de tempo faz a mesma função, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (10) a. Hau sei haree. b. Nia mane too aban.
 1SG FUT ver 3SG M chegar ADV
 ‘Eu verei.’ ‘Ele chegará amanhã.’

O tétum não possui um correspondente aos verbos ‘ser’ e ‘estar’ nas sentenças copulares, conforme pode ser visto nos exemplos a seguir. Essa informação é importante porque é nessa categoria de estrutura que aparece a maior parte dos dados deste artigo.

- (11) a. Ita diak. b. Pedro bonito.
 1PL bem Pedro bonito
 ‘Nós estamos bem.’ ‘Pedro é bonito.’

3 Abordagem teórica

3.1 Semântica formal

O objetivo desta seção é introduzir brevemente a abordagem teórica utilizada na pesquisa descrita neste artigo apresentando os pressupostos fundamentais da semântica formal seguindo Heim e Kratzer (1998).

Para a semântica formal, o objeto de análise é a sentença e o seu significado são suas condições de verdade (HEIM; KRATZER, 1998). No exemplo (12), qualquer falante de português compreende a sentença conhece quais são as condições para que ela seja verdadeira. Não importa

em qual parte específica da casa a mãe esteja ou se está fazendo alguma coisa na casa ou não, ou se está sozinha ou acompanhada. A mãe do enunciador deve estar dentro da casa para que a sentença seja considerada verdadeira.

(12) Minha mãe está em casa.

O conhecimento semântico dos falantes não representa saber a verdade ou falsidade da sentença. Em (12), é possível que a mãe não esteja em casa. No entanto, se um falante conhece o significado de (12), sabe quais seriam as condições para que tal informação fosse verdadeira. Dessa forma, o foco da semântica formal são as sentenças declarativas, já que são aquelas às quais podem ser atribuídos valores de verdade.

A semântica formal se propõe, também, a descrever o significado das sentenças segundo uma metodologia específica. Um dos traços principais que a distingue dos outros modos de estudo do significado é o emprego de uma metalinguagem lógica (HEIM; KRATZER, 1998). A intenção ao fazer isso é reproduzir o conhecimento interpretativo dos falantes por meio de uma linguagem precisa e não ambígua. O exemplo abaixo ilustra essa forma de representação.

- (13) a. Todo gato é mortal.
 b. Garfield é gato.
 c. Garfield é mortal.

Sabe-se que, se as sentenças (13a) e (13b) forem verdadeiras, a sentença (13c) necessariamente também será. Essa relação pode ser representada pelas fórmulas abaixo, que se utilizam da lógica de predicados e da lógica proposicional.

- (14) a. $\forall x [Gx \rightarrow Mx]$
 b. Gg
 c. Mg

Uma outra característica importante do modelo da semântica formal é a plausibilidade psicológica, por isso ele tem de ser econômico. Assim, não faz sentido listar uma interpretação para cada sentença possível em uma língua natural porque o número de sentenças é infinito e

o falante não tem como memorizar o significado de cada uma. O modelo precisa reproduzir como as sentenças são criadas a partir de suas partes menores e esse modelo tem de ser empiricamente comprovado (HEIM; KRATZER, 1998).

É nesse sentido que se diz que o significado é composicional, ou seja, o significado da sentença depende do significado das partes que a integram e da forma como se integram. Assim, o significado das sentenças é computado passo a passo conforme forem se juntando predicados a argumentos. De acordo com as reflexões em Frege (1892), um predicado é um termo insaturado, é incompleto e precisa de um termo saturado para ser completo. Não se pode juntar dois termos saturados ou dois insaturados. Para que haja a ideia de saturação, são necessários um termo saturado e um insaturado. Os predicados precisam de seus argumentos para serem preenchidos. Utilizando uma noção matemática, um predicado é como se fosse uma função que necessita de um determinado número de argumentos para se tornar uma expressão completa.⁷ Há predicados que demandam apenas um argumento, outros demandam dois ou mais. Nos exemplos abaixo, as sentenças (15a) e (15b) são adequadas porque estão com seu número adequado de argumentos: um e dois, respectivamente. Já a sentença (15c) há um predicado que exige três argumentos com apenas dois, daí sua estranheza.

- (15) a. Mário correu.
- b. Mário comprou arroz.
- c. #Mário entregou ao professor.

Esta seção mostrou brevemente quais os princípios básicos de uma análise em semântica formal. Esses princípios serão empregados na análise da distribuição dos modificadores de grau em tétum apresentada neste artigo. Os modificadores são adjuntos e não apresentam saturação da mesma forma que os predicados. A próxima seção apresenta de que forma a Semântica Formal os analisa.

⁷ Importante mencionar que cada predicado demanda um certo tipo de argumento, isso é conhecido como *s*-seleção. O verbo *vestir* *s*-seleciona geralmente peças de vestimenta formando sentenças como ‘eu vesti a camisa’, outros elementos fora desse grupo causariam estranheza e inadequação ‘#eu vesti o computador’.

3.2 Adjetivos e modificadores

Uma primeira característica dos predicados modificadores, como os adjetivos, que os diferencia dos predicados tradicionais diz respeito a sua distribuição. Adjetivos podem aparecer em posição predicativa ou atributiva. O adjetivo *azul* aparece nas sentenças abaixo em duas posições sintáticas distintas: em (16a) ocupa o lugar predicativo, e em (16b), adjunto de um argumento. O mesmo ocorre em tétum, como mostrado na seção 1.2.

- (16) a. O balão é azul.
b. O balão azul estourou.

Do ponto de vista da interpretação, em exemplos como (16a) e (16b), independentemente da posição que ocupem, as operações feitas pelos adjetivos são intersectivas.⁸ Usando (16a) como exemplo, pode-se constatar que há um indivíduo que está na intersecção entre o conjunto dos balões e o conjunto das coisas azuis.⁹ Em (16b), há algo em comum entre o conjunto dos balões, o conjunto dos indivíduos azuis e o conjunto indivíduos que estouraram.

A modificação, portanto, é uma operação de interpretação intersectiva que é diferente da predicação, uma vez que não satura funções aplicadas a seus argumentos. O sintagma *balão azul* mostra como um terceiro conjunto (mais restrito) é formado pela modificação: agora há um conjunto de indivíduos que são balões e são azuis ao mesmo tempo.

Há, no entanto, uma classe específica de adjetivos que necessita de mais informações além da restrição típica de predicados. Tome-se, por exemplo, um adjetivo como *grande*. Não parece ser suficiente dizer que o sintagma *um balão grande* denote a intersecção dos conjuntos dos balões com o conjunto dos indivíduos grandes. *Grande*, nesse caso, parece precisar de um ingrediente a mais para a sua interpretação, um conjunto de balões prototípicos para a consideração do que se pode avaliar como grande. Na teoria semântica, há várias maneiras de se abordar o significado

⁸ Esta é a abordagem para os adjetivos típicos. Não vamos tratar de adjetivos como *suposto* ou *futuro*.

⁹ A palavra *indivíduo* está sendo utilizada no âmbito da nomenclatura da semântica formal para designar um argumento. Indivíduos, nesse caso, não são, necessariamente, pessoas.

de adjetivos como esse. Este artigo vai explorar, particularmente, a explicação de uma semântica de graus ou semântica escalar, conforme desenvolvida a partir do trabalho seminal de Kennedy (1997).

Kennedy (1997) apresenta certas propriedades de uma classe específica de adjetivos: os adjetivos graduáveis. Uma de suas características é a possibilidade de ocorrência com modificadores como *muito* e *bastante*, como mostra o exemplo abaixo com *alto*. Já um adjetivo não graduável, como *geográfico*, por exemplo, resiste a esse tipo de modificação.

- (17) a. O prédio é muito/bastante alto.
b. # Esse mapa é muito geográfico.

Os adjetivos graduáveis são os únicos que passam no teste de oposição/contrariedade, uma vez que os não graduáveis não apresentam oposição.

- (18) a. O oposto de alto é baixo.
b. O oposto de geográfico é?

Uma outra característica dos adjetivos graduáveis é sua adequação em sentenças comparativas, como pode ser verificado abaixo.

- (19) a. Este prédio é mais alto do que aquele.
b. # Esse mapa é mais geográfico do que aquele.

Uma vez apresentadas as propriedades que caracterizam os adjetivos graduáveis, a próxima subseção apresentará uma proposta de análise para essa classe segundo uma abordagem escalar.

3.3 Semântica escalar

De acordo com Kennedy e McNally (2005), os adjetivos graduáveis relacionam seus argumentos a representações abstratas de medida, que são formalmente caracterizadas como graus em uma escala. Uma escala é entendida, metaforicamente, como uma linha graduada composta por valores positivos e crescentes de uma dimensão, semelhante a uma régua. A dimensão corresponde a propriedades graduáveis como altura, peso, custo, profundidade, umidade etc. Ao dizer que um indivíduo

é alto (ou baixo), este é levado ao parâmetro *altura* na escala. Se ele medir 1,70m, receberá esse valor correspondente a um grau na escala. Os antônimos aparecem na mesma escala, mas em polos diferentes, como, por exemplo, *comprido* e *curto* ou *quente* e *frio*.

A proposta de Kennedy e McNally (2005) separa os predicados graduáveis de acordo com sua relação/dependência com o contexto e a natureza das escalas a eles associados. Os predicados chamados relativos dependem de um parâmetro de comparação contextual para que possam ser plenamente interpretados. O adjetivo *quente* é um exemplo de predicado relativo, já que sua interpretação depende de informações associadas ao contexto de proferimento no que diz respeito a uma classe de comparação.¹⁰

(20) Hoje está quente.

Se, quando o falante declarou a sentença abaixo, a temperatura estiver em 19 graus Celsius, poderá ser verdadeira para um norueguês, que vive a maior parte do ano abaixo disso. No entanto, para um habitante da cidade do Rio de Janeiro, que está habituado a temperaturas mais elevadas, a sentença não será verdadeira no mesmo contexto. O que variou nesse caso foi justamente a classe de comparação que é diferente em cada caso. O valor de verdade de (20) está intimamente associado ao grau da propriedade (neste caso *temperatura*) acima do de um parâmetro de comparação que o falante possui. É por isso que se diz que os predicados relativos são dependentes do contexto (do inglês *context-dependent*).

Os adjetivos relativos são associados a uma escala aberta na abordagem escalar. As escalas abertas são aquelas que não possuem um ponto (ou elemento) mínimo ou máximo; não existem lexicalmente um limite mínimo ou máximo dados pelo léxico para que algo seja considerado quente. Como visto, esse parâmetro é dependente do contexto.

Os predicados absolutos, por sua vez, não exigem uma relação com o parâmetro de comparação contextual; eles possuem um padrão de comparação fixo. Em outros termos, o parâmetro de comparação não está

¹⁰ A classe de comparação pode revelar um pouco do valor/crença de uma cultura. Conceitos como beleza, altura, inteligência, esperteza podem variar de povo para povo. Por exemplo, o que um grupo indígena brasileiro considera *bonito* pode diferir de outro grupo social.

presente no contexto. O proferimento de uma sentença com o adjetivo *cheio*, por exemplo, não necessita estabelecer uma classe de comparação contextual. Nesse sentido, embora seja possível utilizar os predicados relativos com uma classe de comparação explícita, é bastante estranho fazê-lo com os absolutos.

- (21) a. João é alto para sua idade.
 b. ? Este copo está cheio para um copo.

Os adjetivos absolutos estão associados a escalas parcialmente ou totalmente fechadas. As escalas totalmente fechadas apresentam dois graus máximos. *Cheio* e *vazio* são exemplos de adjetivos de escala fechada nas duas pontas e representam comparações de igualdade. Em outras palavras, o grau do argumento do adjetivo já está semanticamente fixado; sua posição na escala não fica em aberto. Por exemplo, um copo para ser cheio tem de estar necessariamente com líquido até a boca e para ser vazio não pode conter nenhum líquido.

Existem, ainda, escalas que não são fechadas nas duas pontas, mas apenas em uma delas. Por exemplo, na escala de sujeira, o polo fechado representa uma comparação de igualdade com o grau zero de sujeira, associado ao adjetivo *limpo*. Esse é um tipo de escala fechada na ponta inferior (de *lower closed scale*). Já o adjetivo *sujo* é aquele que corresponde ao grau mínimo da escala diferente de zero (*minimum standard*).¹¹ O teste de acarretamento com modificação com *meio/parcialmente* possibilita testar se um adjetivo corresponde ao grau fechado na ponta inferior (22a) ou corresponde ao grau mínimo diferente de zero (22b). Nesse caso, em (22a), a primeira sentença não acarreta a segunda já que o grau atingido deve ser o da ponta da escala, logo algo parcialmente limpo não necessariamente está totalmente limpo (com zero de sujeira). Diferentemente, um adjetivo de grau mínimo basta ter o mínimo necessário da propriedade para ser aplicado; logo, há acarretamento no caso em (22b).

- (22) a. A toalha está meio/parcialmente limpa. ≠ A toalha está limpa.
 b. A toalha está meio/parcialmente suja. = A toalha está suja.

¹¹ O mesmo pode ocorrer com a ponta superior, como é no par *perigoso* e *seguro*. A escala é fechada no grau superior (em 100% de segurança). Como adjetivos desse tipo de escala não são utilizados nesse trabalho, optamos por não os apresentar em detalhes.

Já uma forma de identificar os polos fechados das escalas dos adjetivos é a combinação com *completamente*.

- (23) a. O copo está completamente cheio/vazio.
- b. A toalha está completamente limpa.
- c. A toalha está completamente suja.
- d. # O João é completamente alto.

O exemplo em (23a) mostra que os dois adjetivos representam polos fechados da escala. Nos exemplos (23b) e (23c), há um contraste em relação à escala de sujeira, (23b) representa um polo fechado da escala porque define um grau fechado da propriedade em questão. A sentença (23c), por sua vez, não expressa que o grau de sujeira está em seu grau máximo (grau inexistente na escala), já que algo sujo sempre pode se tornar mais sujo. (23c) expressa uma completude em relação à extensão do argumento *toalha* significando que todas as suas partes estão sujas. Esse contraste mostra que *limpo* representa o grau fechado, mas *sujo* não. Já a sentença (23d) não é apropriada porque não há nenhum grau máximo na escala de altura nem a propriedade pode ser aplicada às partes do indivíduo *João*.

Uma vez apresentada a proposta escalar para a divisão dos predicados graduáveis, a próxima seção discute a relevância de uma divisão como essa para a análise dos modificadores de grau nas línguas naturais.

3.4 Distribuição e interpretação de modificadores de grau

Kennedy e McNally (2005) foram os pioneiros em identificar a relevância das propriedades escalares para a distribuição dos modificadores de grau do inglês *well*, *very* e *much* (que podem ser traduzidos por ‘bem’, ‘muito’ e ‘muito’, respectivamente). Aparentemente, esses itens lexicais apresentam características semânticas e sintáticas similares quando são usados com predicados graduáveis deverbais, como pode ser conferido nos exemplos em (24).

- (24) a. Beck is well/??very/??much acquainted with the facts of the case.
 ‘Beck está muito familiarizada com os fatos do caso’
- b. Fortunately, with much/??well/??very appreciated financial help . . . the workshop was organised and held successfully.
 ‘Felizmente, com ajuda financeira muito apreciada... a oficina foi organizada e realizada exitosamente’
- c. Kim was very/??well/??much worried by the diagnosis.
 ‘Kim estava muito preocupada com o diagnóstico’
- (KENNEDY; MCNALLY, 2005, p. 346.)

Uma vez que do ponto de vista sintático, os modificadores de grau apresentam a mesma distribuição, os autores recorreram a uma explicação semântica. Por meio de uma análise de um *corpus*¹² de adjetivos de grau participiais da língua inglesa, os autores observaram que existe uma distribuição complementar desses modificadores de acordo com a natureza escalar do predicado modificado. *Very* se aplica a adjetivos de escala aberta, *well* se associa a predicados de escala totalmente fechada e *much*, por sua vez, modifica participios de escala parcialmente fechada que apresentam grau mínimo da escala (*minimum standard*).

A divisão dos predicados graduáveis segundo sua natureza escalar se apresentou útil não apenas para explicar a distribuição de certos modificadores. Quadros Gomes e Sanchez-Mendes (2015) exploraram a relevância da natureza escalar para a interpretação do sintagma modificado em português brasileiro e em karitiana (língua tupi). O artigo mostrou que, em português, embora não haja seleção na distribuição de modificadores como *muito*, *bastante* e *bem*, o produto do sintagma modificado varia em cada um dos casos. A sentença (25) abaixo, quando é usada com o *muito*, indica um grau acima do normal na escala de sujeira, e seu produto, o sintagma *muito sujo*, é de escala aberta. *Bastante sujo*, por sua vez, indica que um grau suficiente de sujeira foi alcançado ou ultrapassado; sua escala, portanto é uma escala fechada com grau mínimo. Já *bem sujo* indica que o grau de sujeira atingiu um máximo dentro de certa expectativa, representando, portanto, uma escala fechada.

¹² O *corpus* utilizado pelos autores foi o *British National Corpus*, disponível em <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>

(25) O carro está muito/bastante/bem sujo.

(QUADROS GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2015, p. 16.)

Em karitiana, por sua vez, a natureza da escala interfere na interpretação do modificador. Os exemplos abaixo mostram que quando o modificador *pita* modifica um adjetivo de escala aberta, ele significa um grau acima do normal da escala e pode ser traduzido por *muito*. Já com adjetivos de escala fechada, como em (26b), o mesmo advérbio indica que o grau máximo foi atingido e, então, ele pode ser traduzido adequadamente como *completamente*.

(26) a. Õwã se'a pita i-otam-Ø.
criança bom pita PART-chegar-ABS
'A criança muito boa chegou.'

b. Ombi osyk pita i-ywym-Ø.
cesto cheio pita PART-sumir-ABS
'O cesto completamente cheio sumiu.'

(QUADROS GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2015, p. 20.)

Uma vez apresentadas as propostas de distribuição e interpretação dos modificadores de grau com base na natureza escalar dos constituintes modificados, a próxima seção se dedica à exposição dos dados tétum frente a essas análises.

4 Modificadores de grau em tétum

Esta seção apresenta os testes executados em Macedo (2019a). Para um primeiro passo na descrição dos modificadores de grau em tétum, procedemos a uma coleta de dados em três etapas. Seu objetivo foi verificar, nesse primeiro momento, se a natureza escalar dos adjetivos influenciaria na escolha desses modificadores. Para tal, seguiram-se os primeiros passos no protocolo descrito em Matthewson (2004) para coleta de dados em semântica formal: tradução e julgamento de aceitabilidade.

4.1 Teste de tradução

O teste de tradução teve como objetivo avaliar a hipótese de que *los*, *tebes* e *liu* eram realmente os principais intensificadores em tétum

para expressar um grau acima do normal e quais deles podiam ser usados em sentenças comparativas. Além disso, o teste teve o intuito de recolher pistas sobre a natureza da distribuição dos advérbios estudados.

Os dados deste teste foram obtidos com a utilização de uma página online chamada *Google Forms*, um serviço gratuito e disponível online que tem por objetivo principal facilitar a criação de formulários e questionários de diversos tipos que podem ser acessados em várias plataformas (computador, celular, *tablets*). O teste foi enviado aos consultores via e-mail com um *link* que os direcionava a uma página *online* com o teste.

O teste de tradução foi composto por duas partes: a primeira continha perguntas de natureza sociolinguística e a segunda foi composta por um conjunto de sentenças em português para serem traduzidas para o tétum. Segundo as informações sociolinguísticas coletadas, pode-se observar que: (i) os consultores têm entre 20 e 30 anos; (ii) a maioria cresceu na capital timorense; (iii) com exceção de um, todos são estudantes universitários; (iv) 11 deles têm o tétum como língua materna; (v) 14 dos 15 informantes aprenderam português em ambiente escolar, 9 deles começaram a aprender português com menos de 10 anos de idade, 3 deles com 11-12 anos e apenas um começou a aprender com 19 anos.

O teste de tradução consistiu em um conjunto de 14 sentenças completas em português do tipo *A é muito B* que deveriam ser traduzidas para o tétum. As sentenças foram preparadas com diferentes tipos de adjetivos levando em consideração a proposta da semântica escalar (cf. Kennedy e McNally, 2005).¹³ Foi incluída também uma sentença com um adjetivo não graduável como forma de controle, uma vez que era esperado que as sentenças com essa classe de adjetivos causassem estranheza quando modificadas.

O quadro a seguir apresenta os adjetivos utilizados no teste.

¹³ Embora em Kennedy e McNally (2005) não haja o uso sentenças comparativas explícitas, o teste de tradução incluiu esse tipo de estrutura por conta do comportamento previamente identificado do modificador *liu*. Dessa forma, os consultores também traduziram sentenças do tipo ‘A é mais B do que C’. Por questões de espaço, escolhemos não apresentar os resultados com as comparativas porque eles não estão diretamente relacionados ao tema deste artigo.

QUADRO 1 – Adjetivos usados no teste de tradução

Tipo de Predicado		
escala aberta	escala fechada	Não graduável
inteligente bonita alto grande	cheio aberto seco molhado	grávida

Os resultados confirmaram a hipótese inicial de que *los*, *tebes* e *liu* são os modificadores mais recorrentes nessa língua para a expressão de muito, já que suas ocorrências foram altas. Os exemplos a seguir mostram as traduções mais recorrentes obtidas no teste com um adjetivo de escala aberta (27a) e um adjetivo de escala fechada (27b).

(27) a. *Nia* (feto) *nee* bonita *los*.

3SG F DEM bonita muito

‘Ela é uma pessoa muito bonita.’

b. *Hau nia kopu nakonu los*.

1SG POSS copo cheio muito

‘Meu copo está muito cheio.’

Os resultados, no entanto, foram inconclusivos quanto à distribuição dos modificadores segundo o tipo de adjetivo modificado. A tabela abaixo mostra a quantidade de usos de cada modificador segundo o tipo de predicado.

TABELA 1 – Resumo dos resultados obtidos com as traduções

Tipo de Predicado	Modificador Utilizado			
	Los	Liu	Tebes	Outros
Escala Aberta	45	0	14	0
Escala Fechada	47	2	4	3
Não Graduável	4	0	0	10

4.2 Teste de aceitabilidade

A segunda etapa da coleta de dados consistiu num teste de aceitabilidade. Essa parte é muito importante porque, diferentemente do teste de tradução, os dados podem ser manipulados e o controle de variáveis pode ser feito através da seleção de sentenças apresentadas.

Segundo Schütze e Sprouse (2014), os testes de julgamento podem ser divididos em duas categorias: (i) numérica (ou quantitativa) e (ii) não numérica (qualitativa). A diferença entre essas duas classes consiste no fato de que os testes não numéricos são formados para detectar diferenças qualitativas e categóricas entre diferentes condições. Já as categorias numéricas são projetadas para prover informações relacionadas ao tamanho da diferença entre as variáveis. Para o teste de aceitabilidade aplicado em tétum, optou-se por um teste com Escala Likert de 1 a 5, uma vez que a gradação na aceitabilidade também pode fornecer pistas sobre o uso dos modificadores em estudo. Embora a apresentação da escala seja em forma de números, trata-se de um teste qualitativo em que cada número representa uma categoria. Assim, a nota 1 representa “não é natural”, a nota 2 representa “é pouco natural”, a nota 3 representa “indiferente”, a nota 4 representa “é natural” e a 5 “é bastante natural”.¹⁴

Este teste também foi aplicado através do *Google Forms* e, mais uma vez, 15 participantes timorenses responderam ao questionário. A ideia original consistia que o mesmo grupo respondesse os dois testes, no entanto não foi possível manter contato com todos os consultores do primeiro teste. Assim, outros timorenses foram convidados. Eles também têm entre 20 e 30 anos de idade e são universitários; moram na capital timorense, Díli. Apenas três desses timorenses têm o tétum como língua materna, o que configura um problema, já que eles não têm a intuição de falante nativo. Essa variável, no entanto, não pode ser controlada, já que o *link* foi distribuído pelos próprios timorenses a outros consultores. Apesar disso, como se verá, os resultados desse teste estão de acordo com os resultados encontrados nos outros dois.

Foram utilizadas sentenças com predicados de escala aberta (3 adjetivos) e de escala fechada (3 adjetivos) além de uma sentença com um

¹⁴ A escala Likert recebe esse nome porque o psicólogo americano Rensis Likert (1903-1981) foi um dos primeiros pesquisadores a divulgar e a utilizar esse tipo de escala nas respostas utilizadas em questionários psicométricos. As escalas desse tipo são, usualmente de 1 a 5 ou de 1 a 7.

predicado não graduável.¹⁵ Para cada tipo de predicado, foram geradas 3 sentenças com os 3 intensificadores averiguados neste trabalho (*los, liu e tebes*), a fim de identificar se haveria alguma restrição entre a classe do adjetivo e o modificador, como a encontrada em inglês (cf. KENNEDY; MCNALLY, 2005). Além disso, foram usadas 10 sentenças distratoras (5 consideradas aceitáveis e 5 inaceitáveis).¹⁶

A seguir, são apresentadas algumas sentenças que foram usadas no teste. A sentença (28a) é um exemplo com adjetivo de escala aberta e (28b) de escala fechada.

(28) a. Nia bonito los/tebes/liu.

3SG bonito muito

‘Ele é muito bonito.’

b. Hau nia ropa maran los/tebes/liu.

1SG POSS roupa seca muito

‘Minha roupa está muito seca.’

Nos dados abaixo, (29a) ilustra uma sentença distratora considerada não aceitável em tétum. Optamos por apresentar sentenças agramaticais com ordem de palavras estranha à da língua. (29b) apresenta um exemplo de distratora aceitável.

(29) a. *Hosi Baucau hau

de Baucau 1SG

Esperado: ‘Eu sou de Baucau’

b. Hau ba eskola ho ita?

1SG ir escola com 2SG

‘Eu vou à escola com você?’

As tabelas abaixo indicam os resultados obtidos com esse teste.

¹⁵ Nesse teste, também foram coletadas sentenças comparativas cujos resultados não serão apresentados neste artigo.

¹⁶ Todas as sentenças em tétum usadas no teste foram criadas com a ajuda de timorenses falantes da língua que verificaram a sua gramaticalidade.

TABELA 2 – Notas dadas às sentenças com *los*

Tipos de Construção	Nota 1	Nota 2	Nota 3	Nota 4	Nota 5	Total
Escala Aberta	1	2	4	4	34	45
Escala Fechada	2	3	3	4	33	45
Não Graduável	7	2	3	2	1	15

TABELA 3 – Notas dadas às sentenças com *tebes*

Tipos de Construção	Nota 1	Nota 2	Nota 3	Nota 4	Nota 5	Total
Escala Aberta	4	3	6	7	25	45
Escala Fechada	6	6	7	13	13	45
Não graduável	8	3	1	2	1	15

TABELA 4 – Notas dadas às sentenças com *liu*

Tipos de Construção	Nota 1	Nota 2	Nota 3	Nota 4	Nota 5	Total
Escala Aberta	5	2	4	9	25	45
Escala Fechada	0	3	6	7	29	45
Não graduável	11	2	1	1	0	15

Pelos dados das tabelas, é possível observar que a distribuição da aceitação dos modificadores não é categórica. Ou seja, não há uma predileção ou rejeição absoluta por um dos tipos de predicado (exceto pelos não graduáveis). Ainda assim, algumas conclusões podem ser tiradas com esses resultados. *Los* foi o modificador que recebeu o maior número de notas altas. Isso mostra que esse modificador é o preferido dos informantes, o que está de acordo com os resultados do primeiro teste (ver TABELA 1). Já o modificador *tebes* teve um grau alto de aceitação com os predicados de escala aberta (obteve 25 notas máximas), mas não tão alto com os predicados de escala fechada (13 notas máximas). *Liu* (com 25 notas máximas) mostrou basicamente a mesma aceitação de *tebes* com os predicados de escala aberta. No entanto, com os predicados de escala fechada, *liu* teve 29 notas máximas, contra apenas 13 de *tebes*,

que apareceu como a terceira opção dos timorenses com esse tipo de predicado. No que diz respeito às sentenças com o adjetivo não graduável ‘isin rua’ (grávida), os resultados mostram notas baixas com o uso dos três modificadores. Em outras palavras, os informantes não aceitaram bem um predicado não graduável sendo usado com um modificador, conforme o esperado. Essas tendências serão reforçadas pelos dados obtidos no experimento aplicado que será apresentado em seguida.

4.3 Experimento

A terceira etapa de coleta de dados envolveu um experimento de julgamento de aceitabilidade. O desenho experimental delineado partiu da hipótese de que, embora os dados dos testes iniciais não fossem definitivos quanto à distribuição dos três modificadores com os diferentes tipos de predicado, a preferência por um ou por outro poderia ser destacada em um teste que isolasse mais rigorosamente as variáveis e com uma aferição estatística mais precisa.

Foram escolhidos 20 consultores timorenses falantes de tétum como primeira língua. No experimento, houve um controle na distribuição do formulário para garantir que todos fossem, de fato, nativos na língua. A maioria dos consultores que responderam o formulário estava na casa dos 20 anos, vivia na capital timorense (Dili) e era universitário ou recém-graduado, dentre eles, 12 eram mulheres e 8 eram homens.

Com o intuito de minimizar qualquer estranheza na compreensão dos consultores, neste questionário, foi utilizada apenas a língua tétum, inclusive nos enunciados (cf. DERWING; ALMEIDA, 2005). Além disso, não houve presença de termos técnicos linguísticos como ‘aceitabilidade’ ou ‘agramaticalidade’. Um falante de tétum proveu o suporte linguístico necessário para que esse objetivo fosse alcançado.

Seguindo a proposta de Kennedy e McNally (2005), para a distribuição dos modificadores *very*, *much* e *well*, o experimento utilizou como base os três tipos lógicos associados a esses modificadores.

QUADRO 2 – Relação modificador e tipo de adjetivo no inglês

<i>Very</i> → intensifica adjetivos de escala aberta
<i>Much</i> → intensifica adjetivos de grau mínimo
<i>Well</i> → modifica adjetivos de escala fechada na ponta superior

Para elaboração dos itens experimentais, considerou-se como variáveis independentes o tipo de modificador (*los*, *liu* ou *tebes*) e o tipo de predicado graduável (adjetivo de escala aberta; adjetivo de grau mínimo; adjetivo de escala fechada na ponta superior; e adjetivo não graduável) (desenho 3x4). Mais uma vez, os não graduáveis foram usados nesse teste. A sua presença tem a função de controle, como anteriormente. A variável dependente é a nota atribuída a cada sentença. Esse teste de aceitabilidade também foi um teste com Escala Likert de 1 a 5.

Para cada condição, foram preparadas quatro sentenças. A seguir, são mostrados alguns exemplos de cada categoria usados no teste.

(30) a. Uma boot los/liu/tebes.

casa grande muito

‘A casa é muito grande’

b. Pregu kleuk los/liu/tebes

prego torto muito

‘O prego está muito torto’

c. Sidade hakmatek los/tebes/liu.

cidade segura muito

‘A cidade é muito segura’

d. Balada mate hela

animal morrer ?

‘O animal está morto’

Sentenças distratoras também foram incluídas. Essas sentenças foram elaboradas basicamente com o mesmo número de palavras das outras sentenças e várias palavras foram repetidas, controlando, assim, a familiaridade dos itens lexicais usados. Abaixo, segue um exemplo de distratora aplicada no teste.

(31) Ema mane too lais

pessoa M chegar rápido

‘O homem chegou rápido’.

As sentenças foram distribuídas para os consultores igualmente divididos em 4 grupos de 5 participantes cada. Cada grupo recebeu três das doze condições experimentais (distribuição ‘entre participantes’). Isso quer dizer que cada participante recebeu cada modificador associado a diferentes tipos de predicados; assim, quem viu o modificador *los* com predicado de escala aberta não o avaliou com outro tipo de escala, por exemplo. O quadro abaixo mostra como essa distribuição foi realizada.

QUADRO 3 – Distribuição dos participantes no experimento

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
<i>Los</i> + Escala aberta	<i>Los</i> + Fechada na ponta superior	<i>Los</i> + Grau Mínimo	<i>Los</i> + Não graduável
<i>Liu</i> + Fechada na ponta superior	<i>Liu</i> + Grau Mínimo	<i>Liu</i> + Não graduável	<i>Liu</i> + Escala aberta
<i>Tebes</i> + Grau Mínimo	<i>Tebes</i> + Não Graduável	<i>Tebes</i> + Escala aberta	<i>Tebes</i> + Fechada na ponta superior

4.3.1 Resultados

As discussões estatísticas desta seção partem dos resultados obtidos no experimento executado por Macedo (2019a). Este artigo, no entanto, apresenta novas reflexões inferenciais dos dados obtidos. Para a apresentação dos resultados do experimento, serão reportados inicialmente os dados de cada modificador com os quatro tipos de predicado a fim de verificar se apresentaram preferência por algum deles. Nessa etapa, foram calculados os testes de comparação entre condições com o intuito de investigar se as relações entre modificador e predicado modificado são significativamente diferentes. Em seguida, apresenta-se a análise de cada modificador e de cada predicado. Essa etapa discute o efeito de cada variável isoladamente nos resultados obtidos.

As estatísticas apresentadas referem-se ao teste de Kruskal-Wallis, um teste não paramétrico utilizado para valores numéricos em

três ou mais condições.¹⁷ Esse teste é usado para testar a hipótese nula de que os valores obtidos nas condições são igualmente distribuídos contra a hipótese alternativa de que pelo menos uma tem distribuição diferente.

O nível de significância foi fixado em 0,05 conforme a convenção em trabalhos de psicolinguística experimental. A abreviatura *dif. sig.* (diferença significativa) indica que o p-valor igual ou inferior 0,05 e a hipótese nula pode ser refutada, ou seja, as condições em estudo apresentam efeito significativo nos resultados. Devido ao cruzamento das 12 condições (desenho 3x4) que exige comparações múltiplas, o p-valor é ajustado e reportado a cada par comparado. Todas as estatísticas reportadas neste artigo foram executadas em testes no software *Action Stat Pro* para Microsoft Office Excel 2007.

Os resultados do experimento mostraram que, em conformidade com os outros dois testes aplicados, o modificador *los* se apresentou como o predileto dos consultores. Mas ele apresenta uma média maior de aceitação com predicados fechados na ponta superior (4,6). Já *liu* obteve a maior média com predicados de grau mínimo (4,45). *Tebes*, por sua vez, obteve maior média com adjetivos de escala aberta (4,8). No entanto, os modificadores obtiveram médias altas também quando combinados com outros adjetivos graduáveis. Em seguida, são apresentados caso a caso com seus resultados completos.

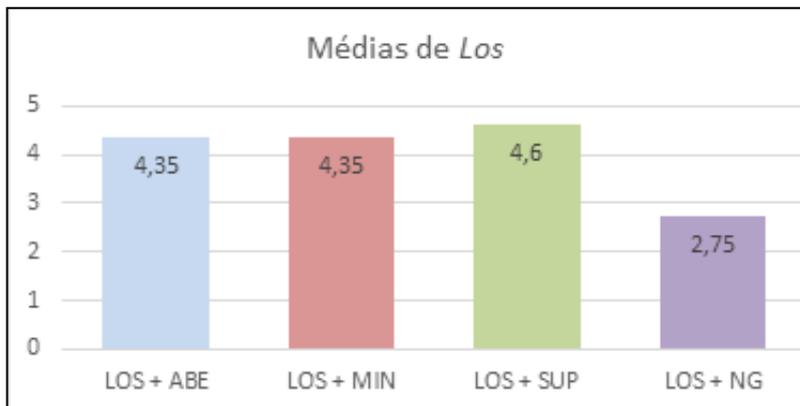
Los teve um alto índice de aceitação com as três das categorias graduáveis usadas no teste: adjetivos de escala aberta (média 4,35) de grau mínimo (4,35) e fechados na ponta superior (4,6). Sua escolha não foi tão marcante no que diz respeito aos adjetivos não graduáveis (2,75), o que já era previsto devido à natureza dessa classe.

¹⁷ A escala Likert, na realidade, apresenta valores que são categóricos, como “pouco natural” ou “muito natural” ou “concordo totalmente” e “discordo totalmente”. Esses valores, no entanto, podem ser convertidos em números para que se sejam devidamente tratados pelos testes estatísticos.

TABELA 5 – Frequência de notas das sentenças com *los*

NOTA	Los + ABE	Los + MIN	Los + SUP	Los + NG
1	0	1	0	7
2	1	1	2	2
3	3	2	0	2
4	4	2	2	7
5	12	14	16	2
Média	4,35	4,35	4,6	2,75

Embora a média de *los* com predicados fechados na ponta superior seja maior do que as outras, no teste inferencial, essa diferença não é significativa. A estatística detalhada está apresentada abaixo. A diferença significativa é encontrada na comparação com o predicado não graduável, conforme o esperado.

GRÁFICO 1 – Médias de *los*

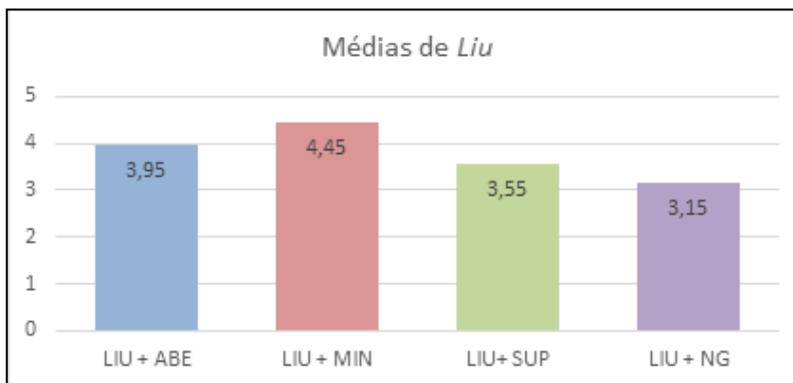
Los + ABE X Los + MIN:	$\chi^2 = 0,3250$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Los + ABE X Los + SUP:	$\chi^2 = 1,0465$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Los + ABE X Los + NG:	$\chi^2 = 3,9817$, $p < 0,05$	<i>dif. sig.</i>
Los + MIN X Los + SUP:	$\chi^2 = 0,7215$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Los + MIN X Los + NG:	$\chi^2 = 4,3068$, $p < 0,05$	<i>dif. sig.</i>
Los + SUP x Los + NG:	$\chi^2 = 5,0283$, $p < 0,05$	<i>dif. sig.</i>

Já o modificador *liu*, segundo a média dos resultados, é mais aceitável com os adjetivos de grau mínimo (4,45), mas essa diferença não é estatisticamente relevante. Ele também teve boa aceitação com os adjetivos de escala aberta (3,95) e fechados na ponta superior (3,55). Sua média de aceitação é maior que 3,0 inclusive com predicados não graduáveis, o que contrariou nossa expectativa.

TABELA 6 – Frequência de notas das sentenças com *liu*

NOTA	Liu+ABE	Liu+INF	Liu+SUP	Liu+NG
1	3	0	0	6
2	1	2	4	1
3	1	2	6	3
4	4	1	5	4
5	11	15	5	6
Média	3,95	4,45	3,55	3,15

GRÁFICO 2 – Médias de *liu*

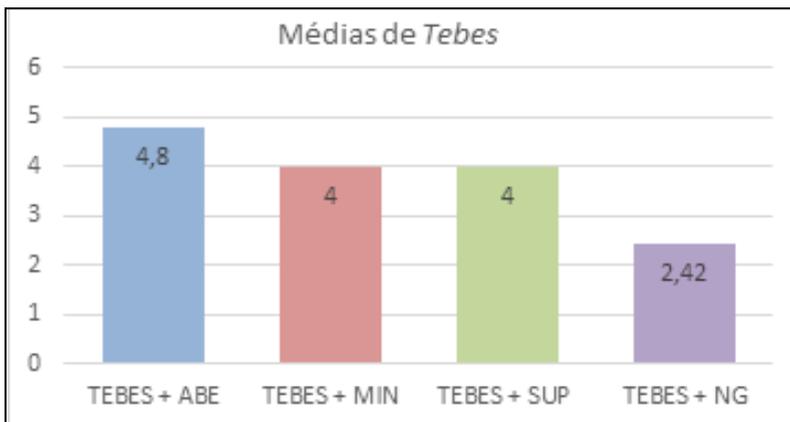


Liu + ABE X Liu + MIN:	$\chi^2 = 1,3534, p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Liu + ABE X Liu + SUP:	$\chi^2 = 1,6560, p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Liu + ABE X Liu + NG:	$\chi^2 = 2,0357, p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Liu + MIN X Liu + SUP:	$\chi^2 = 3,0094, p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Liu + MIN X Liu + NG:	$\chi^2 = 3,3891, p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Liu + SUP X Liu + NG:	$\chi^2 = 0,3796, p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>

Tebes, por sua vez, apresentou preferência média para o uso com os adjetivos de escala aberta (4,8), embora sua diferença com predicados de grau mínimo e fechados na ponta superior não seja estatisticamente relevante no teste inferencial. Já sua aceitação com predicado não graduável foi bastante baixa.

TABELA 7 – Frequência de notas das sentenças com *tebes*

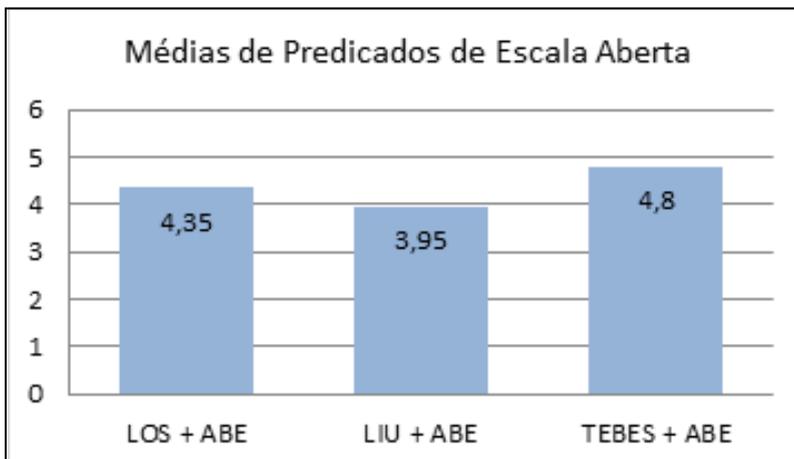
NOTA	Tebes + ABE	Tebes + INF	Tebes + SUP	Tebes + NG
1	0	1	2	8
2	0	1	2	4
3	2	2	1	2
4	0	9	4	1
5	18	7	11	4
Média	4,8	4	4	2,42

GRÁFICO 3 – Médias de *tebes*

Tebes + ABE X Tebes + MIN:	$\chi^2 = 2,9211$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Tebes + ABE X Tebes + SUP:	$\chi^2 = 2,2991$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Tebes + ABE X Tebes + NG:	$\chi^2 = 5,7346$, $p < 0,05$	<i>dif. sig.</i>
Tebes + MIN X Tebes + SUP:	$\chi^2 = 0,6220$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Tebes + MIN X Tebes + NG:	$\chi^2 = 2,8511$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Tebes + SUP X Tebes + NG:	$\chi^2 = 3,4652$, $p < 0,05$	<i>dif. sig.</i>

A seguir, são apresentados três gráficos exibindo as médias obtidas com cada tipo de predicado e sua relação com o uso dos três modificadores investigados.¹⁸ Com predicados de escala aberta, a preferência de *tebes* não apresenta diferença significativa em relação aos outros modificadores.

GRÁFICO 4 – Médias de predicados de escala aberta



Los + ABE X Liu + ABE: $\chi^2 = 0,7299$, $p > 0,05$ dif. não sig.

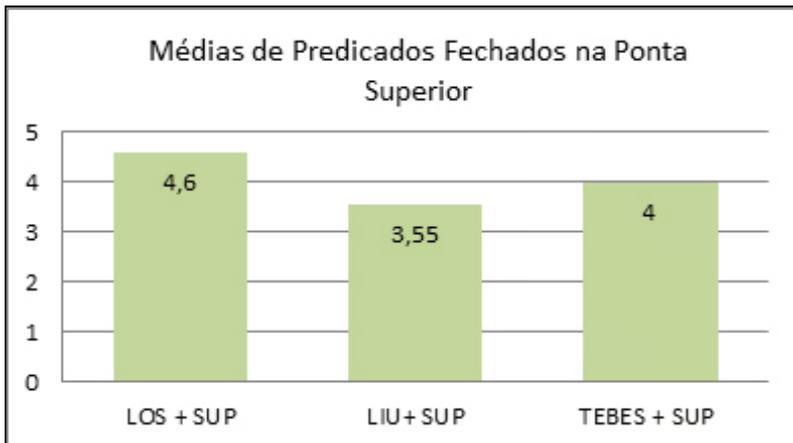
Los + ABE X Tebes + ABE: $\chi^2 = 1,6378$, $p > 0,05$ dif. não sig.

Liu + ABE X Tebes + ABE: $\chi^2 = 2,3677$, $p > 0,05$ dif. não sig.

Com predicados fechados na ponta superior, a preferência de *los* apresenta diferença significativa em relação a *liu*, mas não em relação a *tebes*.

¹⁸ A distribuição dos modificadores pelos predicados não graduáveis não é relevante, portanto, não será apresentada nesses gráficos.

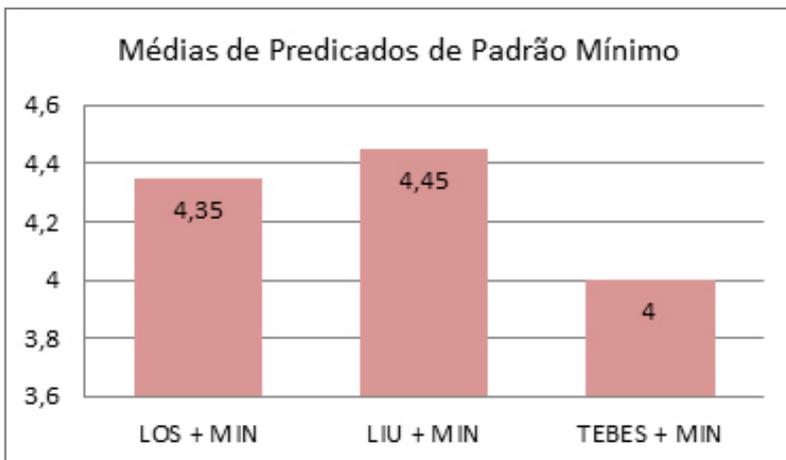
GRÁFICO 5 – Médias de predicados fechados na ponta superior



Los + SUP X Liu + SUP:	$\chi^2 = 3,4325$, $p < 0,05$	<i>dif. sig.</i>
Los + SUP X Tebes + SUP:	$\chi^2 = 1,7078$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Liu + SUP X Tebes + SUP:	$\chi^2 = 1,7246$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>

Com predicados de padrão mínimo, a preferência de *liu* não apresenta diferença significativa em comparação a *los* e *tebes*.

GRÁFICO 6 – Médias de predicados de padrão mínimo



Los + MIN X Liu + MIN:	$\chi^2 = 0,2984$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Los + MIN X Tebes + MIN:	$\chi^2 = 1,6084$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>
Liu + MIN X Tebes + MIN:	$\chi^2 = 1,9068$, $p > 0,05$	<i>dif. não sig.</i>

Em resumo, embora as médias apresentem valores que indicam preferência de *los* com predicados fechados na ponta superior, *liu* com predicados de padrão mínimo, e *tebes* com escalas abertas, as diferenças, no geral, não são significativas. Com exceção da comparação entre *los* e *liu* nos predicados fechados na ponta superior. Nesse cruzamento, a diferença foi significativa, o que indica que a preferência por *los* não se deve a uma distribuição aleatória, mas é determinada pela condição Los + SUP.

Ademais, os dados obtidos com o teste de Kruskal-Wallis apresentam um resultado interessante. Além dos cruzamentos das condições, o teste apresenta como produto uma tabela de agrupamentos, em que as condições são agrupadas de acordo com seu comportamento semelhante. A tabela de agrupamentos reuniu em um mesmo grupo (a), as condições *tebes* + ABE e *Los* + SUP. Somando esse agrupando com a diferença significativa de *Los* + SUP, esse resultado corrobora a hipótese de que cada modificados está se inclinando para um tipo de predicado. A seleção de *Liu* + MIN, no entanto, encontra-se agrupada com *Los* + MIN e *Los* + ABE, o que indica que essa interação ainda não é tão forte.

TABELA 8 – Agrupamentos do Kruskal-Wallis

Tabela de Agrupamentos		
Fatores	Médias (Rank)	Grupos
Tebes + ABE	4,8	a
Los + SUP	4,6	a
Liu + MIN	4,45	ab
Los + MIN	4,35	ab
Los + ABE	4,35	ab

Dessa forma, comparando esse resultado com os fatos do inglês mostrados em Kennedy e McNally (2005), *los* está se inclinando a uma distribuição semelhante à de *well* (modificador de escala fechada na ponta superior) e *tebes* se aproxima do *very* (modificador de adjetivo de escala aberta). *Liu*, embora tenha apresentado interação menos forte, é o modificador mais semelhante a *much* do inglês, usado com adjetivos de grau mínimo.

Além dos testes por condição, procedeu-se a uma análise por variável com o intuito de verificar se uma variável independente isolada produz efeito sobre os dados. No teste de Kruskal-Wallis, o teste da variável tipo de predicado apresentou efeito porque apresenta diferença de comportamento dos predicados não graduáveis, conforme o esperado. Os outros níveis da variável não apresentaram diferença significativa. O mesmo ocorreu com a variável modificador, não houve diferença significativa nos seus níveis. Ou seja, essa variável não atuou sozinha nos resultados obtidos. A próxima seção discute como esses dados podem ser interpretados.

5 Discussão dos resultados e considerações finais

Este artigo propôs apresentar uma proposta escalar para a distribuição dos modificadores de grau em tétum, uma língua subrepresentada nos estudos linguísticos em geral e ausente nos estudos de vertente formalista e experimental.

O maior desafio de um trabalho como este está na orientação da metodologia para a coleta de dados, uma vez que os pesquisadores envolvidos não são falantes da língua em estudo. Para concentrar a coleta no tipo de dado que se buscava, seguiram-se as primeiras etapas do protocolo de elicitação controlada de tradução e julgamento de aceitabilidade descrito em Matthewson (2004). A proposta escalar de Kennedy e McNally (2005) ofereceu subsídios para a criação das sentenças adequadas.

Os resultados obtidos não apresentam valores categóricos no sentido de que apresentam valores graduais. Nenhum modificador apresentou preferência ou rejeição de 100%. Para interpretar esse resultado, é preciso levar em conta alguns fatores. O primeiro deles é o fato de que, mesmo em inglês, a seleção de modificadores pelo tipo de escala é, de certa forma gradual em alguns casos. A título de ilustração, na coleta de Kennedy e McNally (2005) das 345 ocorrências do participio *interested* (interessado), que selecionaria *very* na proposta escalar, já que é de escala aberta, 335 ocorrências foram com *very* e 10, com *much*. Um outro exemplo numericamente mais perceptível é a combinação do adjetivo participial *appreciated* ('apreciado') (escala parcialmente fechada) com os modificadores *well* e *much*. Conforme apresentado pelos autores, os adjetivos de escala parcialmente fechada selecionariam

much. Entretanto das 136 ocorrências de *apprecisated*, 12 são com *very* e o restante com *much*. Esses números mostram que, mesmo em dados naturalísticos, a distribuição não é categórica.

Quando se trata de coleta de dados controlados, é preciso levar ainda em conta a própria natureza do teste. Testes de julgamento de aceitabilidade podem apresentar vieses de muitos tipos. Quando se prepara um questionário, tenta-se evitar ao máximo qualquer tipo de enviesamento da resposta que não seja associado à variável sob escrutínio (neste artigo a natureza escalar dos predicados modificados pelos três adjuntos). Mas, ainda assim, sabe-se que é possível que fatores não controlados possam ter interferido numa maior ou menor aceitação de um item.

Apesar disso, testes de julgamento de aceitabilidade ainda são uma ferramenta muito útil para a coleta de dados da natureza que precisamos para um trabalho como esse. Somente esse tipo de coleta pode dar pistas sobre a rejeição a uma dada estrutura linguística. *Corpora* de uso espontâneo, por exemplo, nunca vão fornecer dados impossíveis e inadequados porque eles simplesmente não vão ocorrer. Ademais, os testes de aceitabilidade também auxiliam na averiguação da preferência de uma forma sobre a outra, mais uma informação difícil de ser obtida de outra forma, especialmente em uma língua como o tétum. Línguas com bases de *corpora* amplos, como o inglês, podem contar com análise de dados naturalísticos para depreender frequência, por exemplo. Essa é, inclusive, a estratégia de Kennedy e McNally (2005) no estudo sobre o inglês com *British National Corpus* (BNC). Para o estudo de línguas minoritárias, no entanto, a elicitación de aceitabilidade é, ainda, uma ferramenta muito preciosa para a coleta de dados para uma pesquisa de viés formalista (MATTHEWSON, 2004).

O segundo fator a ser discutido acerca dos resultados obtidos está relacionado ao tipo de teste de julgamento empregado. A escolha por um teste categórico que divide as respostas em 5 possibilidades já compromete seus resultados a valores graduais, o que impede detectar certas diferenças entre as condições. No entanto, um teste desse tipo permite calcular o tamanho da diferença entre as condições, informação que se perde em testes qualitativos que exigem uma escolha forçada apenas entre ‘sim’ ou ‘não’.

Para o teste do tamanho da diferença, portanto, a ferramenta estatística é fundamental num trabalho como este. Na análise das médias

das respostas obtidas no experimento aplicado, em que todas as sentenças obtiveram notas de razoáveis a altas, o teste de Kruskal-Wallis pode auxiliar na comparação entre as frequências e calcular se sua diferença é significativa. Embora em muitos cruzamentos a diferença não tenha sido significativa, o agrupamento das condições de acordo com um alinhamento entre um modificador específico e seu tipo de escala de preferência explicita uma propriedade interessante dos dados do tétum quando colocados em perspectiva com os estudos de outras línguas naturais.

Este artigo adota uma proposta escalar para a análise da distribuição dos modificadores de grau e assume que a divisão entre diferentes tipos lógicos de adjetivos segundo sua natureza escalar é universal. O que varia entre as línguas são as propriedades gramaticais que são influenciadas por essa divisão. Quadros Gomes e Sanchez-Mendes (2015) sugerem que a diferença escalar das classes pode influenciar de três formas os sintagmas modificados por adjuntos intensificadores: (i) na distribuição dos modificadores de grau, como em inglês (KENNEDY; MCNALLY, 2005); (ii) no resultado do sintagma modificado, como em português (QUADROS GOMES, 2012); (iii) na interpretação do sintagma modificado, como em karitiana (SANCHEZ-MENDES, 2014).

O teste do tétum buscou averiguar, num primeiro momento, se a distribuição dos três modificadores era influenciada pela natureza escalar dos adjetivos modificados tal qual no inglês. Embora os resultados pareçam inconclusivos, eles mostram que as respostas dos participantes foram diferentes de acordo com o tipo cruzamento entre o modificador e o predicado escalar. Assim, pode-se afirmar que, ainda que a resposta acerca da distribuição encontrada não seja decisiva, a variável que produziu efeito nos resultados foi a do tipo de predicado, o que indica que explorar a natureza escalar dos adjetivos é o ponto da gramática sensível à propriedade gramatical dos modificadores, conforme a hipótese inicial do trabalho.

Não é possível dizer ainda exatamente de que forma os tipos de predicado atuam na distribuição e interpretação dos modificadores de grau em tétum, se a influência se dá como em inglês, como em português, como em karitiana, ou ainda de uma quarta forma ainda não investigada. No entanto, este trabalho avançou nas primeiras respostas a partir das quais será possível se aproximar dessa resposta.

Agradecimentos

Os autores agradecem a todos os consultores que auxiliaram na pesquisa, tanto na formulação dos questionários quanto na participação dos testes.

Declaração de contribuição de cada autor

Anderson Macedo: contato com consultores, aplicação do experimento, análise dos dados, análise semântica, pesquisa sobre Tétum e Timor Leste, escrita e edição do texto. Luciana Sanchez Mendes: desenho experimental, análise estatística, análise dos dados, análise semântica, pesquisa tipológica de comparação com dados do português e do karitiana, escrita e edição do texto.

Referências

ALBUQUERQUE, D. B. *Esboço gramatical do Tetun Prasa: língua oficial de Timor Leste*. 2011. 194f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BATORÉO, H. J. A língua portuguesa em Timor: de que forma deve o ensino de português adaptar-se às diferentes realidades nacionais? *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, Lisboa, v. 4, p. 51-56, 2009.

COSTA, L. *Guia de conversação Português-Tétum*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

DERWING, B. L.; de ALMEIDA, R. G. Métodos experimentais em Linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (org.). *Processamento da linguagem*. Pelotas: Educat, 2005. p. 401-442.

FREGE, G. Über Begriff und Gegenstand. *Vierteljahresschrift für wissenschaftliche Philosophie*, Leipzig, v. 16, p. 192-205, 1892. [Traduzido para o português como “Sobre o Conceito e o Objeto”, in *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978].

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

KENNEDY, C. *Projecting the Adjective: The Syntax and Semantics of Gradability and Comparison*. 1997. 319f. Dissertation (PhD in Linguistics) – University of California, Santa Cruz, 1997.

KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language*, Washington, D.C., v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0071>

MACEDO, A. L. S. *A distribuição dos modificadores de grau em tétum: uma proposta em Semântica Escalar*. 2019. 99f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2019a.

MACEDO, A. L. S. Contato e Pertencimento: o caso timorense. In: *VI Colóquio do LABPEC - Pesquisa em Política e Sociolinguística de Contato*. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2019b.

MATTHEWSON, L. On the Methodology of Semantic Fieldwork. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 70, n. 4, p. 369-415, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1086/429207>

QUADROS GOMES, A. P. A gramática dos adjetivos de grau no português culto. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *História do português paulista – modelos e análises*. Campinas: Unicamp; Publicações: IEL, 2012. v. III, p.141-169.

QUADROS GOMES, A. P.; SANCHEZ-MENDES, L. Degree Modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, [S.l.], edição especial, n. 9, p. 5-32, 2015.

SANCHEZ-MENDES, L. *A modificação de grau em Karitiana*. 2014. 319f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgment Data. In: PODESVA, R. J.; SHARMA, D. (org.). *Research Methods in Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 27-50. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139013734.004>